

# Estatísticas negam fuga de cientistas

Emigração qualificada disparou com a crise, mas dados oficiais mostram que **investigadores estão a aumentar**

VIRGÍLIO AZEVEDO

Chama-se Euclid e é um projeto da Agência Espacial Europeia que irá lançar um telescópio espacial em 2020. Durante seis anos vai mapear a estrutura em larga escala do universo — dois mil milhões de galáxias e a matéria escura associada (matéria não detetada no espetro da luz visível) — e revelar 3/4 da história da sua formação e expansão. Em Portugal, 25 cientistas do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço e de várias universidades têm estado envolvidos no projeto, que pertence a uma área muito competitiva a nível internacional: a astrofísica. Mas este grupo está agora reduzido a 20 pessoas. Será uma consequência dos cortes no financiamento à ciência com a crise?

Parece que sim. Analisemos o que se passou com os cinco investigadores que saíram (20% do total). O primeiro, com vários anos de doutoramento, tinha um contrato de cinco anos com a Fundação para a Ciência e Tecnologia que terminou. Como não encontrou saídas profissionais em Portugal, emigrou para a África do Sul. Havia também três alunos de doutoramento neste grupo. Um deles abandonou a área da investigação, outro emigrou para Espanha e o terceiro para França. Por fim, um investigador com uma bolsa de pós-doutoramento que acabou, obteve nova bolsa no Reino Unido.

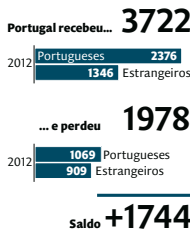
“Num cenário de melhores condições profissionais, estou convencido de que um dos investigadores que se foi embora teria ficado em Portugal, mas não se pode dizer que os outros emigraram devido à crise ou às restrições atuais”, constata António José da Silva, coordenador nacional do projeto Euclid. “A astrofísica é uma área muito competitiva e a mobilidade é uma situação normal em termos de carreira, em particular nos alunos de doutoramento”. Isto significa que eles poderão regressar a Portugal? “Temos esperança não apenas de recuperar estes investigadores como de atrair outros para o projeto Euclid, que vai durar mais de dez anos.”

## Inversão de queda em 2014

Mas o que nos dizem as estatísticas mais recentes? Os resultados provisórios de 2014 do Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional, divulgados recentemente pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), revelam que o número de investigadores passou de 37,813 em 2013 para 38,487 em 2014, um aumento de 1,8% que inverteu a tendência de queda que se registava desde 2011, primeiro ano do governo de Passos Coelho. Uma tendência mais visível nas empresas, laboratórios de Estado e centros de investigação com estatuto de instituições privadas sem fins lucrativos (ver gráficos).

Mas estamos ainda longe dos valores recorde registados nesse ano — 44,056 investigadores —, embora tenha havido uma quebra de série em 2013, “devido à revisão das categorias do pessoal, que passaram a ser definidas segundo as funções principais desempenhadas e não exclusivamente pelo nível de qualificação académica”,

## MOBILIDADE DE DOUTORADOS EM PORTUGAL

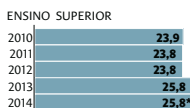
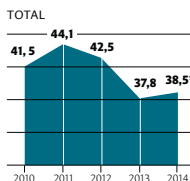


## RAZÕES PARA SAIR DE PORTUGAL EM 2013-2014

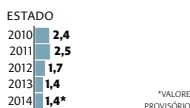
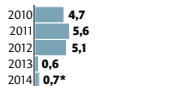


## INVESTIGADORES POR SECTOR DE EXECUÇÃO

Entre 2010 e 2014, em milhares



## INSTITUIÇÕES PRIVADAS SEM FINS LUCRATIVOS



\*VALORES PROVISÓRIOS

FONTE: DGEEC, MEC. INFOGRAFIA DE ANA SERRA

explica a DGEEC. O resultado é que aumentou o número de técnicos “em detrimento dos investigadores”. Em todo o caso, quando os cientistas desaparecem do mercado só há duas hipóteses: ou deixaram a profissão ou emigraram.

Há ainda um “inquérito aos doutorados” que faz uma análise mais fina. O último é de 2012, quando a crise já tinha começado. E os resultados revelam que não se registou fuga de cientistas para outros países, tendo havido mesmo um saldo positivo de 1744 efetivos entre o movimento de saída (*brain drain*) e de entrada (*brain gain*) de doutorados em Portugal. Os que manifestaram a intenção de sair, apontaram como principal razão “motivos académicos ou de investigação” (86%), surgindo a cessação de bolsa ou de contrato de trabalho apenas em quarto lugar. E a mobilidade era geralmente de curta duração (ver gráficos).

## “Apetência para emigrar”

Num país “com elevado défice de qualificações, quando saem cientistas o destaque dado nos *media* é superior ao que acontece noutros países”, reconhece a demógrafa Maria João Valente Rosa. “Mas olhando para as estatísticas mais recentes sobre a emigração portuguesa nota-se que o aumento das pessoas mais qualificadas está em linha com a subida da escolaridade e das qualificações registada na última década”. Ou seja, “não temos evidência de que haja fuga de cientistas” (ver entrevista).

Paulo Peixoto, investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra envolvido no estudo “Fuga de Cérebros — Retratos da Emigração Qualificada”, divulgado em setembro e publicado em livro, afirma que “ninguém sabe exatamente qual é o universo de emigrantes qualificados de Portugal”. Mas há uma coisa que se sabe: “Quando perguntamos a um emigrante o que vai fazer no futuro, quanto mais qualificado é, menos certezas tem se fica no país de emigração, se vai para outro ou se regressa a Portugal”.

O coordenador do Observatório da Emigração, Rui Pena Pires, sublinha por sua vez que “é sempre muito difícil apurar dados globais sobre emigração de cientistas ou mobilidade de doutorados e os inquéritos existentes — da DGEEC, INE, OCDE ou Eurostat — revelam apenas dados parciais”. Paulo Peixoto adianta que os cientistas “têm uma grande apetência para emigrar, uma grande mobilidade, mas há menos mecanismos para sabermos com rigor se há mais ou menos a sair do país”. Por isso o estudo do CES, que se concentrou na Europa, usou uma amostra “não representativa dos emigrantes, porque não se conhece o universo”, mas apenas uma aproximação. “Construímos a amostra com base em diversas redes de contacto, como as associações de portugueses no estrangeiro e as redes sociais, em especial o Facebook”, conta Paulo Peixoto. “Depois fizemos um inquérito *online* aos portugueses que saíram nos últimos seis anos do país e que tinham pelo menos a licenciatura”.

## TRÊS PERGUNTAS A

### Maria João Valente Rosa

Diretora da Pordata, base de dados estatísticos sobre Portugal

#### 1. A emigração de cientistas é um problema?

Quando falamos de pessoas muito qualificadas, como por exemplo os cientistas, falamos de conhecimento, e o conhecimento não tem fronteiras no mundo globalizado. Por isso, a circulação de investigadores por outros países não deve ser encarada numa perspetiva negativa, até porque muita da ciência que se tem feito em Portugal ficou a dever-se precisamente a cientistas que tiveram este percurso e depois regressaram. A questão está, assim, em saber se, além dos que saem, há uma compensação com os cientistas que Portugal consegue atrair, porque o país precisa de conhecimento e a economia só se pode desenvolver com muitos cérebros. O problema não é nas saídas, se os cientistas não forem empurrados mas emigram de livre vontade, mas nas entradas.

#### 2. Há falta de investigadores?

Estamos ainda com um défice claro de investigadores e muito

aquém de outros países europeus nos indicadores da ciência, mas o mercado nacional não está a dar resposta ao investimento que já fizemos nos últimos anos. O mérito ainda não é o que serve para a escolha e avaliação de quem está no mercado de trabalho, mas antes outros valores, como trabalhar muitas horas. Prefere-se uma cultura de processos a uma cultura de resultados, só que o mérito é fundamental na ciência.

#### 3. O que está a mudar na era da globalização?

A emigração não é como no passado, quando se emigrava para toda a vida. Hoje, há livre circulação de pessoas, conhecimento e informação e todos os países competem para atrair cientistas. Por isso, Portugal tem de ser um país suficientemente aberto e investir para se tornar muito atrativo para a ciência, de modo a que os investigadores portugueses e estrangeiros que saíram possam regressar.

## TENDÊNCIAS

**1,29**

por cento do PIB foi quanto Portugal gastou em ciência em 2014. O valor está em queda desde 2009, quando atingiu 1,6% do PIB e superou a Espanha, Itália, Grécia e República Checa

**8,3**

cientistas por 1000 ativos existiam em Portugal em 2014. A média da UE é de 7,2 por 1000

**1759**

milhões de euros é a dotação do OE de 2015 para a ciência. Em 2014 foi de 1626 milhões